



De quantas narrativas é feita a democracia? Sobre destaques e silenciamentos na cobertura de telejornais brasileiros

Jhonatan Mata¹
Jemima Bispo²
Luiz Felipe Falcão³

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: No dia 18 de junho de 2020, o ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro e amigo do presidente Jair Bolsonaro, Fabrício Queiroz, foi preso preventivamente em Atibaia, no interior de São Paulo. A ação ganhou destaque nos telejornais das principais emissoras do país. No mesmo dia, a demissão do ministro da Educação, Abraham Weintraub, repercutiu no cenário político e econômico do país. A partir dessas duas proposições, o objetivo deste trabalho é investigar de que maneira os telejornais Jornal Nacional, Repórter Brasil e Jornal da Record angularam a cobertura dos fatos. A Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016) será a metodologia utilizada para a pesquisa, que pretende, a partir de pesquisa bibliográfica e do acesso aos vídeos das reportagens exibidas na referida data, evidenciar as diferentes formas de tratar os factuais, bem como o comportamento dos telejornais frente aos interesses políticos e econômicos em momentos de disputa narrativa.

¹ Jornalista, Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro- Ecopós UFRJ, com Doutorado Sanduíche-Capes realizado na Blanquerna School de Barcelona. TAE e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF. Autor dos livros “Um telejornal pra chamar de seu” (Insular, 2013) e “O Amador no audiovisual” (Editora UFJF, 2020). Coordenador do Projeto TPA “Música para olhos e ouvidos: a televisão revista pela música brasileira” e integrante do Núcleo de Jornalismo Audiovisual-NJA UFJF e afiliado à Rede TELEJor. email: jhonatanmata@yahoo.com.br

² Jornalista, Doutoranda e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPG-COM/UFJF). Membro do grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (CNPq/UFJF). E-mail: jemimabispo0@gmail.com

³ Jornalista, Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora- PPGCOM-UFJF, Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF. Integrante do Núcleo de Jornalismo Audiovisual-NJA UFJF e integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, identidade e cidadania além de afiliado à Rede TELEJor. email:luizfelipefalcao@gmail.com

Palavras-chave: telejornalismo; audiovisual; democracia; política.

1. Introdução

Um trecho específico do Livro do Desassossego, de Fernando Pessoa, intitulado “O Amante visual” traz o eu lírico sujeito a paixões visuais, que tem do amor profundo e do uso proveitoso dele um conceito superficial e decorativo. Diferentemente das obras produzidas pelos pintores, o poeta não se lembra de ter amado senão o “quadro” em alguém, o puro exterior, fixo. “Essa figura me obceca, me prende, se apodera de mim. Porém, não quero mais que vê-la, nem olho nada com mais horror que a possibilidade de vir a conhecer a pessoa real que essa figura aparentemente manifesta” (2015, p.479), confessa o heterônimo Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa.

Compreendendo o jornalismo- e, conseqüentemente, o jornalista como ajudantes na guarda das democracias contemporâneas, nosso trabalho se estabelece na tentativa de perceber em que medida o telejornalismo brasileiro atuou no sentido de retirar os temas e personagens aqui (re)tratados das memórias diretas e decorativas dos respectivos públicos. Para isso, analisamos a cobertura midiática televisiva do dia 18 de junho de 2020, em três telejornais de alcance nacional: Jornal Nacional (Rede Globo), Repórter Brasil (TV Brasil) e Jornal da Record (Rede Record).

Imersos no assunto basilar e de proporções mundiais desse período- a pandemia de coronavírus – os noticiários cederam espaços para tratar de duas “saídas” que movimentaram, também midiaticamente, o cenário da política brasileira: a saída do então Ministro Abraham Weintraub do Ministério da Educação e a saída, do esconderijo para a prisão, de Fabrício Queiroz, policial militar e ex-assessor parlamentar, ex-motorista e ex-segurança de Flávio Bolsonaro, filho do Presidente Jair Bolsonaro e senador do Rio de Janeiro.

Fabrício foi preso na casa do advogado de Flávio Bolsonaro, Frederick Wassef em Atibaia, no interior de São Paulo. Cumpre destacar, de antemão, que os registros visuais destes personagens já vinham, há muito, experimentando paixões e dissabores (áudio) visuais que extrapolavam a esfera do telejornalismo ou de suas atuações públicas. Fabrício Queiroz, que no jargão popular foi intimamente reduzido a Queiroz, teve sua imagem associada à impunidade endêmica de uma nação. Era descrito como "com-

panheiro de churrasco" da Família Bolsonaro. Materializado em memes, *gifs* e outros produtos hipertextuais na imagem de uma laranja, exaustivamente compartilhado em grupos de comunicação, em aplicativos como *whatsapp* e mesmo inspirando estampas de camisetas, onde se lia "Onde está Queiroz?", frase-questão que também apareceu nos *trending topics* da plataforma *twitter*. O personagem também deu vida ao próprio "Caso Queiroz", nome atribuído a uma crise política deflagrada a partir de 6 de dezembro de 2018, data em que o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) divulgou relatório apontando movimentações atípicas no valor de R\$1.236.838,00 entre janeiro de 2016 e janeiro de 2017 em uma conta bancária de sua titularidade, indicando possível caso de lavagem de dinheiro e ocultação de patrimônio.

Já o ex-Ministro da Educação, Abraham Weintraub, teve sua projeção midiática potencializada muito mais em função de suas declarações extra oficiais nas redes sociais, sobretudo no *twitter*, do que em sua atuação ou deliberações na pasta da Educação nacional, para a qual havia sido empossado.

Um deles diz respeito à utilização, por Weintraub, do personagem de histórias em quadrinhos Cebolinha, em post no *twitter* no dia 04 de abril de 2020. Na ocasião, o então ministro se vale da fala do personagem, um garoto que troca letras ao falar, para ironizar e responsabilizar a China pela pandemia. Com isso, Weintraub se sujeitou, num único *post*, às acusações de xenofobia e de violação de direitos autorais. Isto porque criou um imbróglio diplomático com o país citado e também não havia autorização do criador do personagem, o cartunista e empresário Maurício de Sousa para a apropriação de seu Cebolinha. Outro, e, talvez, decisivo episódio envolvendo o ex-ministro ocorreu na reunião ministerial do dia 22 de abril, divulgada publicamente a posteriori. Na data, Weintraub declarou, se reportando aos ministros presentes que, por ele, "botava esses vagabundos todos na cadeia, começando no STF", se referindo aos juízes do Supremo Tribunal Federal. O fato é que, menos de um mês da declaração, ele deixava o Ministério e viajava para os Estados Unidos, com passaporte diplomático, saindo do espaço jurisdicional brasileiro e já se encontrando em solo norte americano quando da publicação de sua exoneração do cargo de Ministro da Educação. E, dessa forma, escapando de uma possível decretação da sua prisão preventiva, em função de inquérito judicial sobre *fake news*, decorrente de Portaria do ministro-presidente Dias Toffoli e conduzido pelo

ministro Alexandre de Moraes e no inquérito apuratório de racismo requisitado pelo Ministério Público, em face do pronunciamento ofensivo aos chineses nas redes sociais.

É primordial destacar aqui nossa não intencionalidade em deslegitimar o valor crítico, informativo ou mesmo catártico do combo de narrativas ofertado via memes, *gifs*, paródias e toda a sorte de material que tenha alcançado *smartphones*, *notebooks*, televisores dos cidadãos brasileiros a respeito destes desfechos. Ainda que, nestes espaços, os anseios por uma “cobertura” menos superficial sejam pequenos ou nem caibam.

Do contrário, pretendemos, diante do consolidado conceito de “dramaturgia do telejornalismo⁴” (COUTINHO, 2003), explicitar se- e de quais formas- os telejornais recorte organizaram a enxurrada discursiva e imagética a respeito dos casos estudados, contribuindo para maior compreensão não apenas dos desfechos das histórias como dos motivos que os precederam. Isto porque levamos em conta que, enquanto promessa de leitura (JOST, 2004) seria desse gênero (o informativo) o compromisso com a elucidação e tratamento dos fatos. Antes de recorrermos à análise pontual dos vídeos, convém recorrer aos autores que podem lançar luz sobre a rede de dispositivos que controlaram as atitudes discursivas expostas nas coberturas midiáticas propostas.

2. Sobre prisões e fugas- literais e discursivas

Os dois episódios encontram, mesmo que diante de um mar de especificidades, percursos de construção de narrativas comuns. Nestes caminhos, um dos mais explícitos se pauta nos dilemas da privação da liberdade individual. Dos personagens principais das matérias, um deles, Queiroz, experimenta o clímax de sua narrativa midiática no momento em que é “pego” pela Polícia no imóvel onde se escondia, em Atibaia. Já Weintraub, em seu “auge” de exposição na trama, acaba deixando, além do país, uma ideia de fuga para escapar de uma possível captura. Ainda retomando a questão dos gêneros, que nos é tão cara, as projeções de Queiroz e Weintraub podem ser equiparadas, sem grande esforço, ao final clássico de uma telenovela, ainda que sob nuances particulares. O primeiro recebe o “castigo clássico” dos personagens de índole duvidosa, sendo

⁴ Ao analisar as estratégias narrativas adotadas pelos noticiários de TV, a pesquisadora Iluska Coutinho (2003) mapeia aquilo que considera ser a dramaturgia do telejornalismo brasileiro. Em sua investigação, a autora evidencia cenários, enredos, conflitos narrativos como forma preferencial de representação da realidade nos telejornais, baseado no conceito aristotélico de drama.

preso e encaminhado a uma possível punição. O segundo, em sua ida para Miami, revive a icônica cena da novela “Vale Tudo” (Rede Globo, 1988). No último capítulo, Marco Aurélio, o vilão corrupto da trama criada por Gilberto Braga, vivido por Reginaldo Faria foge do país em um jatinho particular, dando uma “banana para o Brasil” ao som de “Brasil/mostra sua cara/quero ver quem paga pra gente ficar assim” (Cazuza/George Israel/Nilo Romero, 1988). Esse reconhecimento não parte exclusivamente de nossas constatações de pesquisa, já que a própria classe jornalística reconheceu e chancelou as comparações entre ficção e realidade. Cristina Padiglione, jornalista colunista da Folha de S. Paulo, em 21 de junho de 2020, reconhece a semelhança das histórias em “Da banana de Marco Aurélio à fuga de Weintraub, Brasil de ‘Vale Tudo’ continua aí⁵”, classificando-a como uma “perfeita e melancólica remissão”. A jornalista Cristina Serra reconhece o mesmo jogo discursivo em seu texto “Uma retumbante banana ao STF⁶”, publicado no mesmo jornal no dia seguinte. Trata-se de ocultações e aparições, zonas de sombra e de luz que nos encaminham para os estudos de Michel Foucault, outra remissão propícia. Sua importante pesquisa sobre a estrutura das instituições judiciais e penitenciárias antigas e modernas, que resultou na obra “Vigiar e Punir” (2001) rende férteis diálogos com nossa proposta. Nesta obra, a pena, vista como mecanismo de coerção ou suplício, disciplina e aprisiona o ser humano, revelando a face social e política deste tipo de controle, presente em nosso recorte. Tendo por base inicial as punições típicas da Europa monárquica até o final do século XVII, Foucault traz a ideia de crueldade da apenação enquanto correção do mal causado.

Apresentamos exemplos de suplício e de utilização de tempo. Eles não sancionam os mesmos crimes, não punem o mesmo tipo de delinquentes. Mas definem bem, cada um deles, um certo estilo penal. Menos de um século medeia entre ambos. É a época em que foi redistribuída, na Europa e nos Estados Unidos toda a economia do castigo (FOUCAULT, 2001, p.11).

É preciso levar em conta, ainda, desfechos de destino dos personagens analisados neste trabalho. Ainda que sendo processos em andamento, e reconhecendo os tempos de deliberação distintos da mídia, da justiça e da política, Fabrício Queiroz foi en-

⁵ Disponível em <https://telepadi.folha.uol.com.br/da-banana-de-marco-aurelio-a-fuga-de-weintraub-brasil-de-vale-tudo-continua-ai/>

⁶ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/cristina-serra/2020/06/uma-retumbante-banana-ao-stf-e-ao-brasil.shtml>

caminhado para o cumprimento de prisão domiciliar, num período de pandemia em que a recomendação maior para toda a população é a de isolamento social, para evitar a propagação do coronavírus. Já Weintraub permanece em solo americano.

É inegável e necessário admitir que, para além de juízos de valor sobre ídoles, Queiroz e Weintraub se tornaram personagens populares, mesmo caricatos. Coisificados em chacotas virtuais, paródias e memes, numa superexposição de imagem dos envolvidos que para os profissionais da publicidade poderia ser caracterizada como um branding⁷ às avessas, já que se converteram inclusive em camisetas. E “vigiados” pelas lentes do jornalismo, quarto poder em destaque nos estudos de Pereira, Coutinho e Mata (2020). E que, na atualidade atua na fiscalização dos três poderes clássicos (Legislativo, Executivo e Judiciário) ao passo em que é fiscalizado pela internet, reconhecida como quinto poder nos Estados Democráticos.

A partir de então, quarto e quinto poder entrariam muitas vezes em colisão ou tensionamento. Em função das particularidades da Internet, que permite divulgação de conteúdo de forma mais descentralizada, com menor controle e com maior interação/ interferência do usuário, este se torna potencialmente também produtor e reproduzidor de conteúdos, em curtidas, comentários, compartilhamentos; pode ainda desenvolver seu próprio espaço de fala por meio de blogs, sites e mesmo canais de jornalismo audiovisual, em fluxos que se realizam em redes sociais digitais e por meio da web como um todo (COUTINHO, PEREIRA e MATA, 2020, p.24).

Cientes das potencialidades da internet no sentido de facilitar o acesso à informação, mas assumindo os riscos da descentralização do controle de conteúdo e da possível superficialidade das narrativas nesse ambiente, mergulhamos agora nos três telejornais de nosso recorte, com o intuito de perceber se, em áudio e vídeo, a atuação dos mesmos contribui para o aprofundamento das contextualizações importantes sobre os fatos cobertos e na manutenção do ambiente democrático.

3. Resultados da Análise da Materialidade audiovisual nos telejornais

⁷ Branding é a gestão das estratégias de marca de uma empresa, com o objetivo de torná-la mais desejada e positiva na mente de seus clientes e do público geral. O Branding, ou brand management, envolve ações relacionadas ao propósito, valores, identidade e posicionamento. Disponível em <https://resultadosdigitais.com.br/blog/o-que-branding/>

A pesquisa se deu por meio da análise da materialidade audiovisual (COUTINHO, 2016). Trata-se de um método que parte do pressuposto de que as interpretações de edições de programas jornalísticos ou de parte deles, de uma cobertura particular ou de séries de produtos de jornalismo audiovisual, em uma eventual perspectiva comparativa, não devem realizar operações de decomposição/ leitura, que descaracterizariam a forma de enunciação/ produção de sentido do telejornalismo. Portanto, toma-se como objeto de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição. O método foi eleito, sobretudo, por se mostrar capaz de associar o fazer científico das especificidades dos produtos audiovisuais, em suas etapas de feitiço e circulação.

Inseridos num contexto familiar, de âmbito doméstico em relação ao presidente da República, os personagens aqui analisados somam indícios de fidelidade e lealdade pessoal ao presidente da República e não institucionais, à presidência, como em tese deveria ser. Interessa-nos perceber as diferentes formas de tratar produções factuais, bem como observar como a imprensa se comporta frente aos interesses políticos e econômicos em momentos de disputa de narrativa.

Para o presente trabalho, definiu-se como pontos de análise, depois de uma primeira leitura em todo o corpo da amostra, o tipo de abordagem feito desde o anúncio de cada reportagem, a criticidade, as fontes (considerando o tempo e o teor da fala, bem como possível espaço para opiniões contraditórias e de que forma esse espaço é dado), a construção da narrativa a partir da cronologia dos fatos, a repercussão do factual em outras esferas do poder e ainda inserções de arte, efeitos de edição e informações paratextuais e ainda o papel que os telejornais assumem para si em cada uma das coberturas.

Jornal Nacional

Na edição do dia 18 de junho⁸, a escalada⁹ discorre em um minuto e 30 segundos, sendo 47 segundos dedicados ao anúncio da prisão de Queiroz seguidos de 20 segundos nos quais foi abordada a saída de Weintraub do Ministério.

⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8636825/>. Acesso em 20 de julho de 2020.

⁹ Escaladas são “frases de impacto sobre os assuntos do telejornal que abrem o programa”. Geralmente possuem frases curtas com dois ou três takes das imagens principais (PATERNOSTRO, 2016, p. 203).

“Chega ao fim o sumiço de Fabrício Queiroz”. A frase foi dita pelo âncora William Bonner ao abrir a edição do JN, que concedeu 50 minutos e sete segundos à notícia sobre a prisão de Queiroz.

A reportagem abriu o segundo bloco do JN. O telejornal da Globo esmiuçou a operação da polícia e a investigação sobre o esquema de corrupção envolvendo o filho do presidente Jair Bolsonaro com quatro reportagens em bloco. Nessa perspectiva, observa-se que, no decorrer de toda a reportagem, a ênfase parece ser em evidenciar os crimes de Queiroz e sua relação com a família Bolsonaro.

Para tanto, o JN lança mão da contextualização e rememoração de todo o caso. De acordo a matéria, Queiroz passou a ser investigado em 2018 depois que o Coaf, hoje Unidade de Inteligência Financeira (UIF), identificou diversas transações suspeitas feitas por ele, uma delas envolvendo um cheque de R\$ 24 mil depositado na conta da primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Esses dados financeiros levaram à abertura de uma investigação pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, que suspeita da existência de um esquema de "rachadinha" no gabinete de Flávio na Assembleia Legislativa, em que assessores parlamentares devolvem parte do salário para os políticos que os empregam. O JN resgata ainda uma entrevista de Flávio Bolsonaro realizada em 2018, na qual ele fala que exigiu esclarecimentos por parte de Queiroz, afirmando que não teriam nada a esconder e garantindo que o ex-assessor daria os devidos esclarecimentos quando fosse ouvido pelo Ministério Público.

Na bancada, por meio de uma nota pé, Bonner menciona que Flávio Bolsonaro tentou por nove vezes interromper na Justiça as investigações sobre Fabrício Queiroz e, desde o início do escândalo, ele teria manifestado opiniões diferentes sobre o ex-assessor. Novamente, observa-se o tom crítico do apresentador do JN em comparação ao posicionamento dos demais apresentadores dos telejornais analisados. Ao mencionar a expressão “opiniões diferentes”, ele meneia a cabeça sugerindo a imprecisão e dubiedade na fala do senador. É válido lembrar que, há alguns meses, Bonner tem elevado o tom nas questões envolvendo o governo Bolsonaro em relação a pandemia, corrupção e ataques à democracia.

A entonação do âncora contradiz o papel do apresentador descrito por Becker (2005). Para a autora, a função do âncora é “registrar tudo com perfeita neutralidade e imparcialidade” (BECKER, 2005, p. 62). Sob outra perspectiva, “um texto, ao ser reformatizado por um corpo, incorpora marcas deste, as quais são atualizadas pelo receptor” (ZUMTHOR apud GUTMANN, 2014, p.55). Isso quer dizer que, mesmo que ele imprima em seu discurso a ideia de neutralidade e imparcialidade na mediação dos fatos, as escolhas feitas durante todo o processo e na hora da apresentação da notícia automaticamente marcam um determinado posicionamento frente aos acontecimentos.

No caso apresentado, apesar da criticidade avultada, o JN parece cumprir sua premissa de pluralidade. Isso é ressaltado por meio das fontes que ganham voz na cobertura da prisão. Assim, são ouvidas diversas personagens envolvidas no caso. José Cláudio Tadeu Baglio, promotor do Gaeco/Campinas, fala sobre como se deu a prisão, em onze segundos. Os vizinhos da casa onde Queiroz estava, Alba Ramos e Sílvio Caldas, declaram, em 16 segundos, que não percebiam nenhum tipo de movimentação ao redor da casa. Paulo Emílio Catta Preta, advogado que assumiu a defesa do investigado, em cerca de 15 segundos, pronuncia-se em favor do cliente e julga a ação como excessiva, considerando, segundo ele, que Queiroz estava em tratamento médico, sempre esteve à disposição da Justiça, ofereceu esclarecimento nos autos e não apresentava nenhum risco de fuga. Já o advogado do presidente Jair Bolsonaro, Frederick Wassef, ganha destaque. O JN, além de ouvi-lo, em um recorte que durou 23 segundos, ainda apresentou uma entrevista realizada em 25 de setembro de 2019 para o programa “Em foco” da Globonews, momento em que Wassef defendeu Fabrício Queiroz e, em cerca de dois minutos, explica que não havia como afirmar que o investigado estava “sumido”. O JN traz também uma segunda fala do advogado, exibida em vídeo no dia 20 de junho, em que ele novamente é questionado sobre o paradeiro de Queiroz em outra entrevista ao Portal UOL: “Eu também acho que ele deveria aparecer”, salientou o advogado na entrevista.

O posicionamento do presidente Jair Bolsonaro é apresentado por meio de um vídeo, no qual ele afirmou não ser advogado do investigado, criticou a maneira como a prisão foi feita e defendeu Queiroz.

A partir disso, são exibidos vídeos nos quais apoiadores se manifestaram em defesa do presidente, como o deputado Sanderson (PSL/RS) e deputado Bibó Nunes (PSL/RS). Já os parlamentares de oposição, deputada Fernanda Melchionna (PSOL/RS) e deputada Perpétua Almeida (PCdoB/AC), disseram que a prisão pode esclarecer as suspeitas sobre o senador Flávio Bolsonaro.

A dramaturgia incorporada no discurso telejornalístico (COUTINHO, 2003) pode ser percebida nos textos e construções narrativas que compõem a ampla cobertura do caso Queiroz. Nesse contexto, o JN descreve a prisão valendo-se de um conjunto de elementos visuais, sonoros e artísticos encadeados por meio da edição jornalística. A exemplo disso, tem-se a apresentação de uma foto em que aparece uma imagem de referência ao AI-5 em cima da lareira, fazendo parte da decoração da casa onde Queiroz foi preso. A reportagem mostra que o cartaz estava em meio à figura de um personagem, Tony Montana, o traficante interpretado por Al Pacino no filme Scarface.

A matéria apresenta ainda uma narrativa dramática que perpassa toda a cronologia do caso, desde a prisão em Atibaia por volta das 7h da manhã até o momento em que foi levado para o Conjunto Penitenciário de Bangu 8.

A matéria expõe o documento que justifica a decisão do juiz Flávio Itabaiana de decretar a prisão preventiva. O documento impresso desponta como um ponto importante, respaldando a narrativa audiovisual. O arquivo exibido no vídeo, apontou que Queiroz, “mesmo escondido em Atibaia, ainda tinha influência sobre milicianos no Rio de Janeiro e influência política para pleitear nomeações em cargos comissionados, chegando ao ponto de ter sido comparado por sua esposa a um bandido “que tá preso dando ordens aqui fora, resolvendo tudo”.

Com relação à saída do Ministro Weintraub da pasta de Educação, o JN dedica o último bloco para apresentar o fato, noticiado por Renata Vasconcelos como “a queda de um dos integrantes mais polêmicos do governo Bolsonaro, que se dá a 14 meses desde sua chegada ao cargo, um período em que colecionou controvérsias”. A reportagem possui 13 minutos e 33 segundos.

O JN traz o vídeo gravado por Weintraub ao lado do presidente Bolsonaro, assim como exibido em outros telejornais. Contudo, no off, o repórter sinaliza o desconforto do presidente mediante a situação. A angulação da matéria segue a proposição de

que Bolsonaro não queria retirá-lo do cargo, mas, nas últimas semanas, as polêmicas criadas pelo ministro fizeram com que outros ministros pedissem sua saída.

As críticas a Weintraub são apresentadas desde a lembrança da sua chegada à pasta, ocasião em que criticou o educador Paulo Freire e ameaçou possíveis pessoas que não estivessem de acordo com as decisões tomadas a partir de então. Logo no início da gestão, o governo bloqueou 30% das verbas destinadas às universidades federais, o que teria ocasionado uma onda de protestos em todo o país. A matéria relembra vários episódios polêmicos na gestão, como a expressão “balbúrdia” proferida pelo ministro para justificar os cortes e categorizar eventuais desordens nas universidades federais; o erro do sobrenome de Franz Kafka durante uma audiência, se referindo ao escritor como “Kafta”, uma iguaria árabe; além dos incontáveis erros de português em postagens nas redes sociais.

A baixa repercussão do Future-se foi destacada entre os projetos de Weintraub. Entre as controvérsias do ministro, a matéria relembra a fala em que ele exalta o sucesso do Enem em 2019, quando, na verdade, mais de seis mil estudantes receberam notas erradas.

A forma contundente com que a reportagem narra a trajetória do ministro tem seu ápice na lembrança do dia 27 de maio, após a Polícia Federal cumprir mandato de busca e apreensão dentro do inquérito das Fake News, do STF, o ex-ministro escreveu na página em uma das redes sociais: “Hoje foi o dia da infâmia, vergonha nacional, e será lembrado como a noite dos cristais brasileira. Profanaram nossos lares e estão nos sufocando”. Segundo a matéria, ele comparou a operação com uma noite brutal da história: a perseguição contra os judeus, fazendo referência a um ato de forças paramilitares nazistas em 1938, quando milhares de judeus foram atacados, mortos e deportados. Tal publicação provocou indignação e repúdio de entidades judaicas.

Vale ressaltar que, após recapitular entrevistas, colocações e postagens polêmicas ao longo da gestão, além de apresentar as reações de instituições a partir de sua saída da pasta de Educação, o JN dá ouvidos às fontes. Alguns parlamentares comemoraram a saída. O coordenador da Comissão Externa da Câmara de Acompanhamento dos Trabalhos do MEC, deputado estadual João Campos (PSB/PE) diz que a saída de Weintraub representaria uma vitória para o país, não apenas para a Educação, mas para a de-

mocracia. Tábata Amaral (PDT/SP) também comemorou o fato, alegando que, a partir disso, haveria a possibilidade de “termos derrotado a ignorância e obscurantismo que tomaram conta do Ministério da Educação”. Por outro lado, o único personagem favorável ao ministro, caso do deputado federal Carlos Jordy (PSL/RJ), apenas tem a opinião apresentada por meio de uma arte gráfica em tela que exibe sua postagem em redes sociais agradecendo a contribuição de Weintraub. Rodrigo Maia, presidente da Câmara, também ganha voz e fala que “o Ministério da Educação estava muito ruim” e disse ainda esperar que o próximo ministro seja efetivamente comprometido com a educação.

Sobre a revogação da portaria do MEC de 2016, que estimula as universidades federais a apresentarem propostas para a inclusão de negros, indígenas e pessoas com deficiência em programas de pós-graduação, última decisão de Weintraub à frente do MEC, as fontes utilizadas foram o presidente da Associação das Universidades Federais, João Salles e a presidente da Associação Nacional de Pós-graduando, Flávia Calé, ambas contrárias à medida provisória. NO JN, o desfecho se dá com Renata Vasconcelos informando, por meio de uma nota pé, o destino do ex-Ministro.

Repórter Brasil

Na cobertura telejornalística feita pela TV Brasil, tanto da prisão de Queiroz quanto da saída do ministro da educação, observamos um tempo curto dedicado aos assuntos. Somados os tempos das duas reportagens teremos cinco minutos e dezessete segundos. Sendo que três minutos e trinta e dois¹⁰ foram dedicados à prisão de Queiroz.

É interessante observar a escolha editorial da emissora ao conduzir a narrativa: a TV Brasil abriu o seu telejornal com a notícia da prisão do ex-policia militar. Muito embora o repositório da TV Brasil não ofereça a versão completa do telejornal, com atenção voltada logo para o início da cabeça de reportagem, verificamos que o apresentador Paulo Leite diz que: “iniciamos esta edição indo ao Rio de Janeiro”.

Levando em consideração o que diz a pesquisadora Olga Curado (2002) sobre os critérios de noticiabilidade e, principalmente, sobre a maneira como é organizado o espelho dos telejornais que obedecem geralmente “a algumas regrinhas básicas e consa-

¹⁰Acesso em 15/07/2020 disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2020/06/fabricio-queiroz-e-presos-em-atibaia-interior-de-sao-paulo>

gradas” (CURADO, 2002 p.138), podemos depreender que a emissora considerou o assunto como sendo de muita importância a ponto de dar início ao telejornal. Assim, entendemos que a TV Brasil, mesmo depois de perder o seu caráter público¹¹, dedicou-se ao factual que em forte maneira afeta o presidente Bolsonaro.

Entendemos como caráter público de uma emissora o papel de, constitucionalmente, atender aos interesses dos cidadãos com atenção a diversidade, a pluralidade, a democracia, respeito às liberdades individuais:

Que ela seja instrumento para fomentar o debate, a manifestação cultural no interior da sociedade. Ela precisa fomentar a diversidade de temáticas, ampliar a abordagem das informações que atuem na emancipação das pessoas e na formação democrática dos cidadãos. É a sociedade quem precisa demandar as pautas, levantar os questionamentos a serem respondidos e interferir no processo, compreender e se apropriar da Comunicação Pública para efetivá-la. (FALCÃO, 2019 p.36).

Apesar da mudança do caráter público e da aproximação com a pauta governamental da emissora, não foi possível verificar na fala dos apresentadores nenhuma nuance que indicasse posicionamento editorial da emissora.

Em sua participação, ao vivo, a repórter Flávia Grossi afirma que Queiroz está preso em Bangu. Lá ele fica por 14 dias em isolamento por causa das medidas de prevenção à pandemia do novo coronavírus e por segurança. Flávia completa a informação de que a mulher de Fabrício também está sob a mira das buscas policiais, mas já é considerada como foragida. Nesse momento imagens da mulher são exibidas e a repórter destaca a operação conjunto entre os ministérios públicos do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A partir de então começa a ser exibida a reportagem. O início da matéria traz, nas imagens utilizadas para cobrir o *off*, as mesmas utilizadas pelas demais emissoras. São imagens feitas pela Polícia Civil no momento da entrada na casa. A repórter esclarece que foram apreendidos celulares, documentos e dinheiro, afirmando que a casa

¹¹ A EBC, Empresa Brasil de Comunicação, desde a dissolução do seu conselho curador, em 02 de setembro de 2016, a perdeu seu caráter público uma vez que a pluralidade e a diversidade do órgão colegiado deixam de existir. A Medida Provisória 744 que promoveu tal dissolução foi assinada por Michel Temer e vincula também a EBC (da qual faz parte da TV Brasil) ao poder executivo. Dessa forma a TV de caráter público fica subordinada e mais suscetível aos interesses presidenciais.

pertence a Wassef. É informado o horário da transferência de Queiroz para o Rio de Janeiro sem fazer a conexão do dono da casa como sendo do advogado ligado à família Bolsonaro.

A repórter esclarece que Queiroz está sob a mira das investigações desde 2018, em um suposto esquema de “rachadinhas” e completa que o esquema envolvia assessores de diversos parlamentares. O crime de Queiroz teria sido cometido na época em que ele era assessor do deputado estadual Flávio Bolsonaro.

Na sequência, é exibido trecho da entrevista do advogado de Fabrício Queiroz. A qualidade do áudio está comprometida o que dificulta compreender o que está sendo dito. Não houve a colocação de legenda para facilitar esta compreensão narrativa.

Em 27 segundos a edição selecionou os trechos em que o advogado afirma que Queiroz está em tratamento médico. Diz achar o procedimento excessivo, porque Queiroz sempre esteve à disposição, faz tratamento de saúde e não apresenta nenhum risco de fuga. Em momento algum a reportagem fez referência ao histórico das convocações em que o ex-assessor não teria se apresentado.

Na sequência, uma arte exibe a imagem do perfil de Flávio Bolsonaro no *twitter* com a publicação que, o agora senador, fez sobre a prisão. A leitura é feita na íntegra.

Na nota pé, lida pela apresentadora Katiúscia Neri, há o complemento de que outras medidas cautelares foram tomadas contra mais quatro pessoas e encerra dizendo que se tentou contato com Wassef, que não se manifestou.

É importante destacar que embora a operação tenha envolvido as polícias dos estados do Rio e São Paulo, assim como o Ministério Público dos dois estados, só foi observado o espaço para as entrevistas e as manifestações em redes sociais, respectivamente, para o advogado de Queiroz e para a publicação de Flávio. A menção ao que se refere aos órgãos que desenvolveram a operação é dada apenas em referências apontadas pela narração da repórter.

Cabe destacar, mais uma vez, que não foi feita a construção narrativa de uma linha do tempo de todo o processo de sumiço de Queiroz e as nuances e desdobramentos que atravessam o caso. O telejornal se ateu ao factual deixando de lado o papel interpretativo que entendemos ser também do telejornalismo.

Houve pouca criticidade na condução da reportagem. Assim como na matéria sobre a saída do ministro da Educação. A reportagem¹² dedicou um minuto e 45 segundos do tempo do telejornal para anunciar a saída sem sequer mencionar a série de problemas envolvendo Abraham Weintraub. Problemas estes que o levaram a **SER RETIRADO OU DEIXAR O CARGO**. O destaque é colocado intencionalmente porque, se considerarmos uma das funções do telejornalismo a de intérprete crítico da realidade, ou ainda se a ele atribuirmos a função de fiscal dos poderes constituídos, o mínimo a que o telespectador de uma emissora pública deveria ter seria um agrupamento de elementos que permitisse a formação de uma opinião sobre ter sido retirado ou “saído” do cargo.

A apresentadora do telejornal afirma que o ministro vai deixar a pasta e completa dizendo que o governo não sabe ainda quem entra em seu lugar. As imagens da cobertura feita pela emissora são aquelas divulgadas por ele em redes sociais, em que está ao lado do presidente.

No sobe som escolhido pela edição o Ministro Weintraub diz que vai começar um período de transição e que ainda não sabe quem fica em seu lugar. Na sequência ele diz não querer falar os motivos que levaram a sua saída, mas sim a contar que recebeu um convite para ocupar cargo no Banco Mundial. A emissora, ao deixar de lado a enumeração dos elementos que marcam a saída de Abraham Weintraub, corrobora com o seu posicionamento e sua narrativa. Tal posicionamento reforça a condição de emparelhamento vivida pela EBC e, conseqüentemente, a TV Brasil.

A reportagem atribui a Bolsonaro uma fala de que o momento é difícil. Tem início um sobe som em que o presidente faz referência à conquista de confiança e completa afirmando que jamais vai deixar de lutar pela liberdade. E assim encerra-se a reportagem.

A apresentadora retoma a construção narrativa acrescentando a informação de que o ministro, antes de sair do cargo, publicou uma portaria que revoga a política de cotas raciais nos programas de pós-graduação das universidades públicas. Diz ainda sobre a repercussão entre parlamentares que já apresentaram projetos para reverter a medida.

¹²Acesso em 15/07/20 disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2020/06/abraham-weintraub-anuncia-saida-do-ministerio-da-educacao>

Jornal da Record

A cobertura da TV Record¹³, diferentemente da TV Brasil, preferiu não começar a série de reportagens ligadas ao governo federal e à família Bolsonaro. As reportagens só vão ter início depois de 16 minutos de telejornal no ar. Também diferentemente da TV Globo, que preferiu seguir a linha editorial de abrir as edições com a Covid- 19, a TV Record teve um bloco com assuntos policiais e só depois pandemia.

Foram seis minutos e cinco segundos dedicados à reportagem e o restante em uma entrada ao vivo para que o presidente se posicionasse em relação ao caso. A segunda reportagem, dessa vez ligada a Abraham Weintraub, teve um espaço de quatro minutos e vinte segundos. Tempo inferior ao dado pela TV Globo, porém maior que o espaço aberto pela TV Brasil.

Os apresentadores anunciam a prisão de Queiroz destacando sua relação como ex-assessor de Flávio Bolsonaro. Adriana Araújo e Sérgio Aguiar destacam que ele é investigado por movimentações financeiras suspeitas quando ele era funcionário da Assembleia.

Numa descrição da materialidade audiovisual da primeira reportagem podemos destacar que as imagens, assim como nas outras emissoras, foram as cedidas pela polícia. Por onze segundos o promotor responsável pelo caso fala sobre as condições da prisão. Ele diz que foi uma operação tranquila que Queiroz não ofereceu resistência. A repórter em sua narração faz a ligação de a casa pertencer a Frederick Wassef e da ligação dele com a família do presidente.

Na sequência, há a fala do delegado sobre o que havia sido apreendido durante a captura. A reportagem mostra que a operação foi desencadeada pela polícia civil a pedido do MP em função do esquema das “rachadinhas”. A repórter Cleisla Garcia detalha como se dava o funcionamento do desvio de dinheiro público. Ela revela os valores movimentados que foram levantados após as investigações iniciadas pelo Coaf.

Assim como na TV Globo, a passagem para a segunda parte da sequência de reportagens é feita sem ser anunciada pelos apresentadores. Quem conduz a narrativa é a repórter Renata Loures que inicia a reportagem explicando onde o preso vai passar a

¹³ Acesso em 16/07/20 disponível em: <https://www.playplus.com/History/Play?m=168306>

noite, descrevendo a chegada de Queiroz, os procedimentos pelos quais ele vai passar para ser colocado isolamento no presídio, em Gericinó.

É evidenciada durante a passagem a justificativa para a prisão preventiva de Queiroz: a preocupação do MP com a possibilidade do ex-assessor atrapalhar investigações. Há ainda na reportagem um pouco dos desdobramentos do caso. O cumprimento de seis mandados de busca e apreensão no Rio. Um deles na Casa de Alessandra Marins, ex-funcionária da Assembleia e que hoje trabalha no gabinete de Flávio Bolsonaro. A curiosidade está na proximidade do endereço dela com o endereço de uma casa que o presidente tem na mesma rua.

A repórter cita ainda a busca em dois endereços ligados à mulher de Fabrício que não foi encontrada. O advogado de defesa fala por 20 segundos sobre a preocupação com a saúde do preso e da continuidade do tratamento.

O desfecho da reportagem foi uma arte feita com a publicação de Flávio Bolsonaro nas redes, a mesma já apresentada aqui nas reportagens de outros telejornais. Por fim, entram os apresentadores no estúdio para uma nota pé em que os dão informações de que não conseguiram contato com Alessandra Marins. Disseram também sobre Frederick Wassef. Imagens dele desembarcando no aeroporto de Brasília são exibidas para dizer que ele não quis dar entrevistas por estar atrasado.

Mais à frente, o assunto é retomado com um vivo de Luiz Fara Monteiro explicando o que disse o presidente e chamando a exibição de um vídeo divulgado em que Jair Bolsonaro enfatiza que não está envolvido no processo, que não é advogado de Queiroz. Ressalta que ele não estava foragido, que não havia mandado de prisão e que a prisão foi espetacular.

Assim como nas demais emissoras, a saída do Ministro Weintraub ficou em segundo plano, dada a repercussão da prisão de Queiroz. A reportagem tomou quatro minutos e vinte do noticiário. Logo no início da apresentação da temática pelos apresentadores podemos observar que a condução da matéria vai se dar por associação com a atuação do STF. Nas palavras dos apresentadores, o ministro deixou o Ministério da Educação “depois de uma série de polêmicas e um embate com ministros do Supremo Tribunal Federal”.

A reportagem começa dando protagonismo ao presidente, embora o foco seja a da saída do ministro. Há uma descrição de que Jair Bolsonaro deixou o Palácio da Alvorada sem se dirigir aos apoiadores costumeiros na entrada do local. A construção narrativa dá pistas de que o dia foi tenso para o presidente. Thiago Nolasco expõe um encontro, à tarde entre Bolsonaro e Abraham Weintraub. A afirmação, na passagem do repórter, é a de que ele deixa a pasta para assumir cargo no Banco Mundial indicado pelo governo brasileiro. Diz ainda que a saída se dá depois de desgastes por declarações contra o Supremo e por pressões de integrantes do STF e do Congresso. Há ainda a afirmação de que o governo fez a mudança para pacificar a relação entre os poderes.

O que vem logo em seguida é um sobe som do vídeo divulgado pelo ex-ministro. Além do mesmo trecho selecionado pelos demais telejornais analisados, o diferencial foi o anúncio do temor de Weintraub pela segurança sua e da família, incluindo a cadeia. Acreditamos que esta seleção contribui, assim como a responsabilização pela saída sugeria como sendo do STF, de colocar o agora ex-ministro numa condição passiva, de vítima de perseguição e que teme pela segurança.

O trecho da fala de Bolsonaro foi também o mesmo escolhido pelas outras duas emissoras, na parte em que fala sobre confiança, com a diferença que com um tempo maior e sem interrupções ou cortes abruptos. O que vem a seguir reforça a narrativa de interferência do STF. No rol de polêmicas acumuladas pelo ex-ministro a reportagem escolheu começar pelo vídeo divulgado da reunião ministerial de 22 de abril. Ainda segundo o texto do repórter, a gota d'água teria sido o encontro do ministro com manifestantes na Esplanada dos Ministérios quando ele reforça o que disse. Há a inserção de caracteres para que seja compreendida a fala de Weintraub: “Eu já falei a minha opinião, o que eu faria com os vagabundos”. A narrativa tem prosseguimento com a repercussão entre políticos. Nesse instante é feita a inserção de um trecho de um pronunciamento de Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos deputados, em que o parlamentar afirma que: “Espero que fique melhor. Estava ruim do jeito que estava o Ministério da Educação”.

Por fim, o repórter dá a informação da revogação feita por Weintraub na portaria que garantia a adoção da política de cotas em cursos de pós-graduação. Diz também que a solução para pasta de Educação pode ser caseira com indicações de nomes feita pela

ala ideológica do ministério. Os nomes são de Carlos Nadalim, secretário de educação ou Ilona Becskeházy, secretária de educação básica do MEC.

Considerações finais

Ao assistir a cobertura jornalística de três dos principais telejornais do Brasil, verificamos o quão potente e fundamental é o trabalho jornalístico na construção narrativa dos fatos. E mais! Podemos dizer que, assim como em outros momentos difíceis da história, a preservação da democracia pressupõe o acesso irrestrito a informações, a retomada de narrativas da memória, o compromisso com a apuração dos fatos e a diversidade de angulações e pluralidade de vozes no trabalho noticioso.

Nosso esforço se concentrou em verificar a contextualização dos fatos, tempos de fala, escolha de fontes, o espaço para o contraditório, efeitos de edição e informações paratextuais. Estes são elementos que evidenciam o poder narrativo de recriar uma economia do castigo televisada. Ao perceber as diferentes formas de tratar produções factuais, bem como observar como a imprensa se comporta frente aos interesses políticos sociais e econômicos em momentos de disputa de narrativa, identificamos a TV Globo abrindo maior espaço, ouviu mais pessoas, ampliando as visões e pontos de vista. A emissora fez uma cobertura o mais próximo do que acreditamos ser o jornalismo atento aos fatos, crítico e que dá elementos para que o público consiga extrair das informações sua opinião.

Já a TV Record, concentrou suas informações predominantemente no factual do dia, associou de maneira comedida os nomes e as suspeitas de crime à família Bolsonaro. Não fugiu de elencar os elementos estruturantes da narrativa jornalística, contudo trabalhou sua narrativa no melhor estilo “para não dizer que não falei das flores”. Ao trabalhar com o factual deslocado, instantâneo a emissora deixa de lado as discussões, a reflexão, as contextualizações proporcionando ao noticiário uma volatilidade.

Por sua vez, a TV Brasil, pressionada pela mão pesada do executivo no controle da informação fez uma cobertura superficial, curta, sem espaço para as vozes dissonantes, sem rememorar aspectos importantes, sem refletir sobre as implicações geradas a partir do factual.

Acreditamos que, para além dos interesses que as emissoras comerciais tenham, não é possível descredenciar o valor da cobertura bem feita pelo Jornal Nacional neste dia. Quanto aos outros dois telejornais a falta de aprofundamento denota a tentativa de blindar um pouco os efeitos graves que os fatos podem mobilizar na sociedade já tão polarizada e atenta aos aspectos políticos do Brasil.

O castigo televisado de que tratamos acabou ficando direcionado ao STF tido como vilão, na TV Record. No caso da TV Brasil o fato foi ocultado uma vez que nem sequer é possível falar em castigo em função da não contextualização, o jornal patinou no raso. Restou a Rede Globo levantar os elementos para essa “inquisição midiática contemporânea” trazendo Queiroz e Weintraub para a centralidade do questionamento público.

Entendemos que a cobertura se preocupou mais com a deterioração da laranja do que com o mau que sua ingestão possa ter causado a toda uma nação. Ainda no ramo Hortifruti e recorrendo a outro grande nome das letras -Maria Clara Machado- agora pra encerrar este trabalho, duas das três coberturas pautaram suas apurações na tentativa de absolvição do evolido no rapto do Cebolinha e não no questionamento do furto.

Referências

BECKER, Beatriz. **Entre a narrativa e o acontecimento**. In: BECKER, Beatriz. A linguagem do telejornal: Um estudo da Cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

COUTINHO, I. (Org.). **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro**: a estrutura narrativa das notícias em tevê. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

_____. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade**: A análise da materialidade audiovisual como método possível, 2016.

_____, PEREIRA, Gustavo e MATA, Jhonatan. **Democracia e qualidade no jornalismo audiovisual: diálogos TV-internet e o quinto poder**. Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. 17 Nº 1. Janeiro a Junho de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2020v17n1p20/43588>
Acesso em 29/07/2020

FALCÃO, Luiz Felipe Novais. **Comunicação pública e mobilização social**: narrativas, televisualidades e engajamento virtual na campanha da “Frente em defesa da EBC e da

Comunicação Pública”. 2019. Dissertação [Mestrado em Comunicação]. Faculdade de Comunicação, UFJF, Juiz de Fora, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 18ª ed., São Paulo: Ed. Grall, 2003.

GENETTE, G. **Paratexts: Thresholds of Interpretation**. Cambridge University, 1997.

GUTMANN, Juliana Freire. **Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 28, p. 108-120, dez. 2014.

JOST, François. **Seis lições sobre a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. por Bernardo Soares.org: Richard Zenith- 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PROCÓPIO, Carla Ramalho. **"Um retrato do caos: a representação midiática dos presidiários e a crise da segurança pública"**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Juiz de Fora, 2020.